

**“Carta a um filósofo” - Simone Alauk**  
**Para: Albert Camus**

Albert,

Essa noite resolvi que deveria te escrever, lembro-me bem, na chuvosa Paris de novembro. Eu estava encostada em uma mesa de canto no Café Panis, ali exatamente, na 21 Quai de Montebello, observando as pessoas passarem lentamente contra à solidão de uma noite fria.

As luzes estavam todas acentuando as almas entediadas. Eu estava com o meu livro aberto, e parei no trecho “Vous filez le parfait amour. Tant mieux, mon cher, tant mieux<sup>1</sup>. Me recordo como um trovão a primeira vez que te vi atravessar pela porta. Estava com seu casaco escuro, alinhado ao corpo, com a gola levantada e um cigarro nos lábios, mas o que me chamou à atenção era o seu caminhar firme, todos cumprimentaram com um breve “Bonsoir, Monsieur Camus”.

Você não esperou que te indicasse a mesa, sentou. E exatamente ali, naquele canto, em que a luz parecia carregar uma atmosfera amadurecida, e que a música parecia repousar aos silêncios o sangue sensível dos dias frios. Foi ali que você se sentou, próximo da janela...

Seu olhar acordou em mim aquilo que desconhecia. Perguntei: quem é ele? Por que parecia estrangeiro? Será que era um viajante como eu procurando despertares incompreensíveis num mundo onde tudo parecia absurdo e sem sentido?

Albert, nossa história começou em tempos tão distintos. Como poderia prever que você iria me apresentar as mais duras palavras de lucidez? E que poderíamos reinventar séculos inteiros por apenas acreditar no que estava nos consumindo naquela época.

Ninguém parecia estar vivo, exceto você, exceto eu... Exceto nós dois quando estávamos juntos. Ao mundo que me abriu as portas e todas as vozes cantando envolvidas às questões da existência, e os punhos que trocaram a posição de cerrados, para o movimento revoltado da escrita contra a humanidade destruída por sua própria história.

O pensamento daqueles que moveram todas as peças do mundo para que o mundo não fosse mundo que nos pertencia. E seus amigos, e todos que tenho uma profunda lembrança desses encontros. Todos buscávamos estar inteiramente vivos, inteiramente presentes à nossa época.

Diferente daqueles em minha volta que estavam preocupados com seus suicídios metafísicos, enquanto eu queria apenas ter um momento com você. Um momento em que fôssemos corrompidos pelo encantamento do sol.

---

<sup>1</sup> “Você está vivendo o sonho perfeito do amor, tanto melhor, minha querida, tanto melhor”.

Queria que o sol pudesse queimar nossas peles. Queria que o mar cobrisse nossos corpos lentamente até deixarmos de ser apenas corpos. Queria que pudéssemos regressar à natureza e alcançar a cor de nossa própria nudez. Queria destruir o mundo e construí-lo detalhe por detalhe com você. Queria estar ali, inteiramente, viva, como a água e a areia grudada no seu corpo nu.

Lembra que você sussurrava para mim em francês, com seu inconfundível sotaque argelino. Quando sua pele queimava, como hoje a minha alma queima cada vez que lembro aquela manhã cheia de luz quando escutei no rádio a notícia que você tinha deixado este mundo para sempre, e que nunca mais nossas peles se juntariam num abraço. E que o sol refletido em nossa nudez seria desse momento uma nostálgica quimera.

Por que deixou que a sombra do tempo e do destino, na beira dessa estrada, tirasse você de mim para sempre? Por que deixou aqueles mares formados por pedras, areia e nudez? Por que eu de repente, me tornei uma sombra perigosa na sua vida? Tédio prolongado, olhar distante, saudades indecifráveis... O seu corpo não lhe pertence...

Não aceito que esgote sua humanidade na ternura dos seus livros escritos no meu corpo. Porque você está vivo em mim aqui e agora. Albert, você vive em cada memória, e ainda anseio pelo encontro de nossos corpos. Eu estive presente... cada página dos seus livros é a minha vida...

A história de nossos lábios secos proferindo palavras à liberdade pela vida. De nossos olhares penetrantes a perfurar os horizontes tão fortemente construídos pelo homem. De nossos ruídos selvagens a instigar o mais profundo dos instintos de um sentido que nunca existia. Éramos, sobretudo o fogo no seu estado mais natural, o sol em todo o seu fraternal esplendor.

Eu era a sua selvagem busca pela vida. Cada instante de dor, cada pausa difícil, cada passo dado em silêncio..., mas agora... agora todos foram devorados pelo tempo. Você já não está aqui para ler o livro que deixou de presente para a vida.

No entanto é aqui que estou encarando a sua própria lucidez, caminhando nas margens do rio Sena a procura das simples e profundas alegrias. E como você, esvaziada de esperanças, eu também nesta noite carregada de estrelas e sinais me abro pela primeira vez a terna indiferença do mundo.

Deixa meus olhos te guiarem para preencher de luz e sol a Paris inteira, meu corpo irá sobreviver ao mais longo dos verões ao ouvir sua voz trazida pelo vento...

Albert, eu sabia desde a primeira vez que te vi que passaria a existir no mundo, e me tornaria parte dele. Hoje... eu encaro o mundo com a nudez necessária para arder no fogo apaixonado das pontes de Paris. Hoje... Eu sei que a lucidez despertou à revolta da minha própria voz...

Por isso, hoje ao me recordar de você, eu canto...

...à la vie, à la mort, à les mots entiers...<sup>2</sup>

Albert, o meu silêncio é seu...

Com amor,

Simone

---

<sup>2</sup> *“à vida, à morte, às palavras inteiras...”*